

# Evangelização e construção da comunidade

## I — A força que faz caminhar a Igreja

Ao meditar na missão evangelizadora da Igreja<sup>1</sup>, somos levados a procurar a origem e a natureza da força dinâmica que, em dois mil anos de história, a impulsionou no anúncio do Evangelho e a implantou no mundo como sinal e promessa de salvação para todos os homens. Que dinamismo a fez percorrer o espaço e o tempo e anunciar a mensagem em todos os quadrantes do universo e da história? Que força misteriosa a possui, para a fazer vencer perseguições e obstáculos de toda a ordem, pagando pela fidelidade ao Evangelho o preço do próprio sangue? Que ousadia se apoderou dela para ultrapassar as barreiras das mais célebres civilizações e das religiões mais antigas, transformando-as e repassando-as de um espírito novo? Que espírito a sustenta e que tornou a sua palavra eficaz, transformando corações, mudando o rumo às vidas e o sentido à história, apesar do pecado e da fraqueza dos seus membros?

A Igreja é um mistério de fé e a força que a sustenta é disso testemunho. Ela é dinamizada na sua acção pelo princípio que a origina: Deus e o Seu desígnio de salvação acerca dos homens, maravilhosamente revelado em Jesus Cristo. A Igreja comporta, na sua própria realidade, o anúncio do grande «mistério»: Deus é uma comunidade de amor, ama infinitamente os homens, convida-os

---

<sup>1</sup> Este artigo insere-se num conjunto de estudos sobre a Teologia da Evangelização, na sequência do Sínodo dos Bispos de 1974 e da «*Evangelii nuntiandi*», dos quais o 1.º foi o livro *Evangelização, anúncio de Liberdade*, ed. Multinova, Lisboa (1977). Utilizaremos como principal fonte a vasta documentação constituída pelas próprias intervenções dos Padres na Aula Sinodal.

a partilhar essa experiência comunitária como filhos do Pai, unidos numa nova fraternidade. Este «mistério» foi-lhe comunicado pelo Verbo, Palavra eterna de Deus; é essa Palavra que ecoando continuamente na Igreja, a faz crescer, transformando-a, a partir de dentro, na comunidade dos Filhos de Deus; é essa Palavra que se torna palavra da Igreja, anunciando aos homens a experiência da salvação, ditando as leis do seu próprio crescimento e garantindo a sua caminhada para a plenitude definitiva. A Igreja tem a sua origem, o seu crescimento e o seu destino ligados à Palavra e ao seu anúncio<sup>2</sup>.

1. *O dinamismo da evangelização e as exigências do desígnio salvífico de Deus.*

O desígnio salvífico de Deus tem uma exigência intrínseca, que brota da vontade eficaz de Deus de o realizar definitivamente entre os homens, que torna urgentes e inadiáveis os caminhos do Reino de Deus<sup>3</sup>. Muitas vezes no Sínodo os Bispos relacionaram o dinamismo evangelizador da Igreja e a urgência da evangelização com esta exigência do desígnio: «A acção evangelizadora da Igreja tem a sua origem na vontade salvífica do Pai e na obediência ao mandato de Cristo e atinge o seu efeito movida pela força do Espírito. A Igreja prolonga, assim, na história, a presença e a acção salvíficas de Cristo, o Verbo Incarnado, enviado ao mundo para revelar aos homens o desígnio da salvação, para os introduzir na comunhão filial com o Pai e edificar, na unidade fraterna, o género humano»<sup>4</sup>.

Este texto relaciona o dever de evangelizar dado por Cristo à Igreja, com o desejo de Deus de ver realizado o Seu desígnio acerca dos homens, o que situa a missão evangelizadora da Igreja na linha da própria missão de Cristo, a Palavra do Pai. A realização deste desígnio consiste na introdução dos homens na comunhão filial com Deus e na construção de uma nova fraternidade entre eles, fraternidade que dará ao Género Humano um novo rosto. Esta nova experiência de comunhão entre os homens, concretizada na filiação

<sup>2</sup> Cfr. *Evangelii Nuntiandi*, nn. 13, 14, 15.

<sup>3</sup> *E.N.*, n. 8.

<sup>4</sup> Da síntese final de um dos grupos de trabalho (grupo C de língua espanhola). O tema foi igualmente abordado numa intervenção de Mons. José T. SANCHEZ, Bispo coadjutor de Lucena, nas Filipinas.

divina e na fraternidade, é o objectivo procurado pela evangelização. Esta é o anúncio da salvação; aquela experiência é a salvação.

Mons. Sanchez, cuja intervenção já citámos atrás, situa a exigência da evangelização no contexto do dinamismo da aliança que, desde o A. Testamento, Deus estabeleceu com o Seu Povo e que é um convite ao diálogo de comunhão com Ele. «A vontade de Deus Pai, que é a razão última do nosso dever de evangelizar, é reconciliar os homens com Ele e congregá-los a todos num único Povo de Deus. Assim se lê no profeta Jeremias: «Eis que virão dias, diz o Senhor, em que eu concluirei com a Casa de Israel e com a Casa de Judá uma aliança nova. Não como a aliança que concluí com os seus Pais, no dia em que os conduzi pela mão para os fazer sair do Egipto. Essa aliança — a minha aliança — foram eles que a quebraram. E então eu fiz sentir sobre eles o Meu domínio, diz o Senhor. Mas eis a aliança que Eu concluirei com a Casa de Israel depois desses dias, diz o Senhor. Porei a minha lei no mais fundo do seu ser e gravá-la-ei no seu coração. Então eu serei o seu Deus e eles serão o Meu Povo» (Jer. 31, 31-33). Esta aliança antiga era, como sabemos, a preparação para a plena e perfeita Aliança com o Novo Israel a quem Deus enviaria o Seu Filho, Jesus Cristo».

O desígnio de Deus é, pois, reunir os homens numa grande comunidade de amor que será o Seu Povo, o autêntico e definitivo Israel. Essa nova comunidade nascerá da Aliança continuamente renovada que Deus estabelecera com um Povo e que culminou com a pertença a esse Povo de uma das Pessoas da Comunidade Divina, Jesus Cristo o Filho do Pai. Nesse momento da história ao mesmo tempo que se dá a convergência entre a Comunidade Trinitária e a comunidade dos homens, dá-se o início e o radical fundamento do novo rosto dessa comunidade humana. Ouçamos ainda Mons. Sanchez, citando, aliás, o Vaticano II: «Deus para estabelecer a paz ou comunhão com Ele e uma sociedade fraterna entre os homens pecadores, decidiu entrar na história humana de um modo novo e definitivo, enviando o Seu Filho na nossa carne para, por meio dEle, arrancar os homens ao poder das trevas e de Satanás, e, nEle, reconciliar consigo o mundo». (*Ad Gentes*, n.º 3). Esta vontade do Pai, que decidiu reconciliar os homens consigo e reunir todos os povos num único Reino ou Povo de Deus, é a causa da Encarnação, morte e ressurreição de Jesus Cristo e a razão última da constituição da Igreja e da sua missão de evangelizar todos os povos. Com efeito,

só na morte e ressurreição de Jesus Cristo os homens se reconciliam com Deus e só ao incorporarem-se no Corpo Místico de Cristo, pelo Baptismo, os crentes se congregam no Reino ou Povo de Deus»<sup>5</sup>.

A evangelização impele os homens para a experiência da filiação divina e da fraternidade universal em Jesus Cristo. O dinamismo da missão é o dinamismo da comunidade, não de uma comunidade qualquer, mas daquela experiência de comunhão que se exprime na convivência com a Santíssima Trindade, na situação de filhos de Deus e num amor fraterno que nasce desse partilhar do amor transcendente de Deus, em Jesus Cristo. Por isso alguns Padres sinodais não hesitaram em considerar a Glória de Deus como a finalidade primeira da evangelização. «O primeiro motivo da evangelização missionária como ela decorre do mandato de Cristo deve ser a vontade firme e o desejo de aumentar a Glória de Deus, pela divulgação do mistério de Cristo e pela realização da economia salvífica de Deus que quer elevar o género humano e reconduzi-lo à unidade»<sup>6</sup>.

O zelo pela glorificação de Deus pertence ao dinamismo primeiro da evangelização. A justificá-lo está o facto de o próprio Cristo ter estabelecido um nexó entre a vida eterna e um conhecimento em que Deus seja glorificado. «Esta é a vida eterna, que Te conheçam a Ti, único Deus verdadeiro e Aquele a Quem enviaste, Jesus Cristo. Eu Te glorifiquei sobre a Terra, acabei a obra que me mandaste fazer» (Jo 17, 3-4). Tantas vezes na história da Igreja foi este desejo de dar glória a Deus que impulsionou e fez partir para terras longínquas os anunciadores do Evangelho<sup>7</sup>.

A evangelização dá glória a Deus porque realiza no meio dos homens esse Seu desígnio de os conduzir a uma experiência nova de comunhão. É na comunidade que Deus é glorificado. O mandato de evangelizar, dado por Cristo à Igreja, situa-se na linha da coerência de Deus com esse seu desejo de conduzir todos os homens à experiência da comunhão de amor. Assim como o envio do Filho, na nossa carne, significa a objectividade e a eficácia do desígnio do Pai, assim o mandato de Cristo à Igreja supõe e manifesta a vontade salvífica de Deus acerca de todos os homens e transforma-se num dos fundamentos do dinamismo evangelizador. Quando o

<sup>5</sup> Mons. J. T. SANCHEZ.

<sup>6</sup> Mons. Ricardo DURAND, Arc. de Cusco, no Perú.

<sup>7</sup> Card. Marcelo GONZALEZ MARTIN, Arc. de Toledo. Esta mesma ideia aparece expressa na síntese final de um grupo de trabalho (Grupo de língua Inglesa); cf. J. POLICARPO, *Evangelização, anúncio de Liberdade*, Lisboa (1975) pp. 139-140.

Senhor diz aos Apóstolos: «todo o poder me foi dado no Céu e na Terra; ide por todas as nações e fazei discípulos, baptizando-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo» (Mt 28, 19), envia-os a anunciar esse convite à comunhão com Deus e com os homens, envia-os a construir a comunhão através da palavra eficaz do anúncio. O Baptismo que os introduzirá na salvação é um baptismo na experiência de comunhão: recebê-lo-ão em nome das Três Pessoas da Comunidade Divina. E nesse dinamismo da construção do Reino, o Senhor será fiel à comunhão com os discípulos: «Eu estarei convosco até ao fim dos tempos».

A urgência da evangelização, ou seja, a necessidade de dar a conhecer a todos os homens o convite que Deus lhes faz, em Jesus Cristo, a congregarem-se numa nova comunidade de salvação, é o dinamismo que leva à criação da própria Igreja. «A causa próxima da instituição da Igreja e da sua missão de evangelizar é a vontade de Cristo ao escolher os Apóstolos e ao enviá-los a ensinar todos os povos e baptizar os que acreditassem. Com efeito, o Senhor Jesus Cristo, logo no início do Seu ministério, chamou os doze Apóstolos e fez com que ficassem com Ele. A seguir, depois de ter realizado em Si Mesmo, no mistério da Sua Morte e da Sua Ressurreição, a nossa salvação e a renovação universal, revestido de todo o poder no Céu e na Terra, fundou a sua Igreja como sacramento e instrumento de união entre os homens, enviou os Apóstolos por todo o Mundo, como Ele Próprio tinha sido enviado pelo Pai, e isto para glorificar o Pai pela reconciliação de todos os homens com Ele e pela reunião de todos os povos crentes num único Povo de Deus»<sup>8</sup>.

A exigência do mandato é correspondente à profundidade e universalidade do desejo salvífico de Deus e à urgência de construir a fraternidade. Todos os homens devem ouvir o anúncio da salvação, o convite à comunhão, mesmo que não venham a fazer-se crentes. Há hoje homens sem conta que nunca ouviram este anúncio cristão.

---

<sup>8</sup> Mons. J. T. SANCHEZ.

## 2. *A evangelização é um mistério de amor*

A evangelização, manifestação da fidelidade da Igreja ao mandato de Jesus Cristo, é anúncio e construção da comunidade. Ela é um mistério de amor. Várias intervenções no Sínodo sublinharam esta qualidade do dinamismo evangelizador da Igreja. «A evangelização, porque é comunhão de amor e de fraternidade, só pode fazer-se numa verdadeira humildade. Ela é um serviço do Espírito, um serviço da Palavra, um serviço dos homens»<sup>9</sup>.

Uma outra voz a acentuar este aspecto foi a do Cardeal Duval: «À luz do Evangelho, a evangelização é essencialmente um acto de amor. Antes de mais, é um acto de amor para com Deus (Jo 21, 15 e ss.; 1 Co 9, 16). É doxologia do Criador comunicada a todos os homens de todas as regiões, de todas as culturas, de todos os tempos e religiões. A contemplação ocupa um lugar indispensável na obra da evangelização.

Em segundo lugar, a evangelização é um acto de amor para com o próximo. O amor fraterno é o princípio, a essência e o fim da evangelização. Para que outro fim tende a evangelização, senão o de reunir a família humana na unidade? Segundo o Concílio Vaticano II, compete aos Bispos e aos Presbíteros congregar a família humana na fraternidade (P. O. n.º 6). A vida de amor fraterno é a epifania do amor de Deus para com os homens (A. G. n.º 12), a manifestação do amor do Pai para com o Filho — para que o amor com que Me amastes esteja neles e Eu neles (Jo 17, 26) — e o anúncio perfeito do mistério de Deus, porque Deus é amor (1.ª Jo 4, 16). Sem uma vida de amor sincero, caímos no perigo de, quando pensamos anunciar Deus, velar mais do que revelar o Seu verdadeiro rosto (cf. G. S. n.º 19)<sup>10</sup>.

A evangelização é, assim, o anúncio da palavra, num contexto de amor, para a realização da fraternidade. «Deus Pai chama-nos, em Jesus Cristo, a amar os outros homens no mesmo amor com que Ele nos ama e a realizar, no amor fraterno, a comunhão com o amor divino. O amor de Deus e o amor do próximo não se podem separar (cf. L. G. 42) e segundo S. Paulo a fé só se realiza efectivamente no amor do próximo (Gal 5, 6; Efes. 4, 15). Só há

---

<sup>9</sup> Mons. Lawrence PICACHY, Arc. de Calcuttã.

<sup>10</sup> Card. Léon E. DUVAL, Arc. de Argel.

verdadeira evangelização na proclamação da fé pelo anúncio da Palavra e pela sua realização na caridade fraterna»<sup>11</sup>.

Encontramos aqui duas afirmações centrais: o Evangelho introduz o homem numa experiência de comunhão de amor em que se unificam, numa mesma vivência, o amor de Deus e o amor dos homens; a evangelização é o anúncio de que esta experiência é possível em Jesus Cristo. Mas a palavra que anuncia, realiza o objecto desse anúncio, isto é, constroi ela mesma a fraternidade anunciada. Por isso é que a evangelização não é concebível sem a experiência da comunhão com Deus e do amor fraterno, feita em Igreja.

Ao evangelizar, a Igreja não se limita a anunciar uma doutrina; ela dá também testemunho de uma experiência de comunhão. Cristo não entregou à Sua Igreja só a riqueza da Sua doutrina, mas também o calor da sua própria vida de amor. «A natureza da evangelização consiste no facto de a Igreja comunicar ininterruptamente aos homens um duplo depósito que lhe foi confiado por Cristo: o depósito da fé e o depósito da graça»<sup>12</sup>. Verdade e amor interpenetram-se na mensagem da Igreja. «O cristianismo não triunfou como religião da «Aletheia» (da verdade), mas sim como religião do «agapê (do amor)»<sup>13</sup>.

## II — A Comunidade Eclesial nasce da Palavra

O fim da evangelização é a construção da Igreja como comunidade. A Igreja como novo Povo de Deus é essa nova comunidade dos homens reconciliados com Deus, em Jesus Cristo, aprendendo no amor a experiência da fraternidade. Há uma dimensão eclesial de todo o anúncio do Evangelho, não apenas porque a Igreja é o sujeito desse anúncio (*E. N.* nn. 13, 14), mas porque a eclosão de comunidades de vida e de amor é o termo desse anúncio. A Igreja, a quem incumbe o dever de anunciar o Evangelho, tem a sua vida e o seu destino ligados a esse anúncio.

---

<sup>11</sup> Card. Narciso JUBANY ARNAU, Arc. de Barcelona.

<sup>12</sup> Mons. Jerzy ABLEWICZ, Bispo de Tarnow.

<sup>13</sup> Card. L. E. DUVAL.

### 1. Dimensão eclesial da evangelização

Hoje, mais do que nunca, é importante sublinhar explicitamente esta dimensão eclesial da evangelização, «porque, nos nossos dias, a Igreja aparece a alguns como algo de estranho, quase como um obstáculo a que a Palavra de Deus se faça verdadeiramente ouvir e a que a vontade salvífica de Deus seja verdadeiramente conhecida pelos homens. É preciso pôr em relevo esta dimensão eclesial, porque ela corresponde à «economia» e à maneira de Deus agir, como se torna patente na Encarnação do Verbo de Deus, que quis fazer de nós o Seu «próximo»<sup>14</sup>.

O cardeal POMA, que acabamos de citar, enumera a seguir algumas dimensões desta eclesialidade da evangelização. Em primeiro lugar, a Igreja enquanto mistério e sacramento deve fazer parte da substância e do conteúdo da evangelização, como no-lo testemunham os antigos símbolos da fé: «creio na Santa Igreja». Depois, a Igreja enquanto instituição querida por Cristo e vivificada pelo Espírito é o verdadeiro sujeito, isto é, o elemento activo da evangelização. Foi à Igreja que Cristo entregou a missão de evangelizar. E, finalmente, a autenticidade da evangelização que garanta a pureza e a integridade da fé, procede da sucessão e comunhão apostólicas. Será esse o critério para conciliar com a unidade, exigida pela comunhão eclesial, um desejável e são pluralismo.

O cardeal Garrone vai buscar as concretizações desta convergência entre evangelização e comunidade eclesial a Act 2, 42: eles mostravam-se assíduos ao ensino dos apóstolos, fiéis à comunhão fraterna, à fracção do pão e à oração. Este é o testemunho de uma Igreja que tem em si mesma a luz do Espírito Santo e para quem evangelizar consiste em permitir que essa luz do Espírito, irradiando da Igreja, revele aos homens Jesus Cristo.

Segundo Garrone, dois géneros de considerações se podem fazer a partir desta descrição da vida da primeira comunidade cristã:

1.ª A revelação de Cristo é inseparável da revelação da Igreja. Só artificialmente se dissociam estes dois elementos e se incute essa dissociação no espírito dos fiéis e dos não crentes. De facto este texto dos Actos dos Apóstolos define a Igreja por quatro traços fundamentais: o *testemunho da palavra*, a partir da pala-

<sup>14</sup> Card. António POMA, Arc. de Bolonha.

vra dos Apóstolos e dos seus sucessores que lhe garantem a autoridade; a *comunhão fraterna* e o testemunho da caridade, que não se restringem aos homens de um determinado momento no tempo, mas se estendem a todo um passado. Não há evangelização possível quando se desconhece e se despreza a história da Igreja. A *fracção do pão*: foi na fracção do pão que os discípulos de Emáus reconheceram o Senhor, o que continua a ser válido para os nossos dias. É hoje claro que a Eucaristia é um daqueles momentos em que todos os que buscam Jesus Cristo tendem a encontrar-se. Quantos homens, nos nossos dias, encontraram Cristo numa luz que lhes veio frente à Eucaristia. E finalmente a *oração*: hoje, mais do que nunca, é necessário o testemunho da oração a que são cada vez mais sensíveis os próprios jovens.

2.<sup>a</sup> É preciso ter em conta que todos estes traços são igualmente necessários e intimamente interligados. Não há verdadeira evangelização se faltar um deles. A revelação de Cristo não tem sentido se não for acompanhada da descoberta da comunhão fraterna, da oração, etc.. Não há revelação de Cristo sem a descoberta da caridade, porque a caridade tem a sua fonte em Cristo. O amor sem a verdade não é a fé cristã. Como escreveu Pascal, a verdade sem a caridade não é Deus. Mas o mesmo se pode dizer da caridade fora da verdade. É a Igreja que constitui o nó e o centro de convergência de todos estes testemunhos; é nela que se faz a evangelização. Que não se apresente a evangelização de maneira a deixar em aberto o problema da relação de Cristo com a Igreja: uma definição de evangelização que ignorasse a Igreja, ignoraria Cristo<sup>15</sup>.

A Igreja é a realidade central da realização histórica do desígnio do Pai de congregar os homens no amor. Como facto histórico a Igreja é a realidade-anúncio desse mistério. «Se o Evangelho é o desígnio do Pai posto ao alcance dos homens, ao longo da sua história, nos seus próprios países, no coração mesmo dos mundos diversos que constituem este mundo, a evangelização não pode reduzir-se à proclamação da palavra, mesmo quando perfeitamente preparada, apropriada e caucionada por um bom testemunho. O desígnio do Pai traduziu-se no meio de nós através de uma presença significativa, a de um Homem em Quem Deus salvou o mundo e continua a traduzir-se no meio de nós através de um sinal colectivo,

<sup>15</sup> Card. Gabriel M. GARRONE, Prefeito da Congregação para a Educação Católica.

o do Corpo Eclesial de Jesus Cristo. A última palavra da evangelização é a Igreja. Quem evangeliza? A Igreja. Que deve fazer o evangelizador? Igreja. Que deve ele ensinar? A Igreja. Sempre a Igreja como sinal autêntico de Jesus Cristo»<sup>16</sup>.

## 2. *A unidade da Igreja, sinal de credibilidade da sua mensagem*

Ao enviar os discípulos a anunciarem, através dos tempos e dos lugares, a mensagem da salvação, o Senhor prometeu acompanhar e confirmar a sua acção com «sinais»: «Ide pelo mundo inteiro, proclamai a Boa Nova a toda a criação... E eis os sinais que acompanharão aqueles que acreditarem... E eles foram em seguida pregar em todo o lugar, o Senhor agindo com eles e confirmando a Palavra com os sinais que a acompanhavam (Mc 16, 15-17, 19).

Estes sinais extraordinários, da ordem do milagre, não fazem hoje parte do tecido diário da vida da Igreja, como nas origens. Mas um sinal contínuo permanece, a unidade eclesial, transcrição terrestre do amor que está em Deus e em Jesus Cristo. A Igreja como experiência de Reino, como comunhão realizada de união filial ao Pai e de fraternidade entre os irmãos é o grande sinal com que o Senhor acompanha a palavra evangelizadora. Ela é a objectivação da fidelidade de Cristo à sua promessa, porque é obra do Espírito. É enquanto experiência de comunhão vivida que ela atrai os homens a escutarem a palavra com que anuncia o Evangelho. A Igreja é o maior sinal da credibilidade da sua própria mensagem.

Encontramos esta doutrina, claramente expressa, já no Concílio Vaticano I: «A Igreja, por si mesma, pela sua admirável difusão, pela sua grande santidade e pelo bem que, sem cessar, ela realiza, pela unidade na catolicidade, pela sua permanência na estabilidade, é um grande e perpétuo motivo de credibilidade e um testemunho invencível do seu envio por Deus. É por isso que, qual sinal elevado ante as nações, ela convida os descrentes...»<sup>17</sup>.

Há uma certa ousadia, alguns dirão mesmo um certo triunfalismo, nestas afirmações. «O Vaticano II, num período de descristianização marcado pela crítica à Igreja, exprime-se com maior discreção

<sup>16</sup> René SALAÜN, «Église et évangélisation», in *Documents «omnis terra»* LXXIX-4, p. 232. (Este texto foi distribuído a todos os participantes no Sínodo).

<sup>17</sup> D. S. 3013 e 3014.

acerca do seu prestígio espiritual no meio do mundo. Mas o princípio permanece: ela tem a missão de significar, através da sua visibilidade histórica, o mistério divino que a habita. A constituição *Lumen Gentium* define-a como sacramento de Jesus Cristo no e para o mundo. Não apenas porque ela se constitui e santifica os seus membros através dos sete ritos sacramentais ou porque presta um culto sacramental a Deus, na Eucaristia; ela é um sinal profético, providencialmente dado ao mundo, para que através dela, ele possa discernir o rosto de Jesus Cristo e compreender a mensagem eterna do Evangelho, frente aos problemas do nosso tempo»<sup>18</sup>.

A missão e a tarefa evangelizadora aparecem, assim, profundamente unidas à realidade eclesial enquanto sacramento da salvação, enquanto experiência de fraternidade e mistério de comunhão. Em nome de um certo conceito de autenticidade há hoje, por vezes, a tentação de opôr realidade eclesial e missão. «Padres e leigos que, cada um no seu campo, trabalham afanosamente nas tarefas da evangelização são tentados a privilegiarem a sua presença, as relações que criaram, o diálogo que prosseguem, em relação ao interesse por esta pesada instituição que é a estrutura visível da Igreja, tão carregada com a sua história, tão sufocada por organizações, bens e leis. Não é que ponham em dúvida a missão divina da Igreja; mas vêem-na nas suas estruturas clássicas, tomando conta dos cristãos. Eles consideram-se parte de uma minoria que se dedica aos não cristãos. À Igreja eles pedem uma missão, muitas permissões e facilidades e a transformação bastante para que ela não seja um contra sinal».

Tudo isto significa uma certa tendência de separar a missão da Igreja instituída. Ora a missão e o carisma de ser «missionário» junto do mundo não cristão, são dinamismos e dons de uma única Igreja de Jesus Cristo, una na multiplicidade dos seus dons. «Todas as vocações se situam no seio de uma mesma vocação da única Igreja, toda ela enviada ao mundo, sinal para o mundo e responsável pela Palavra a anunciar ao mundo»<sup>19</sup>.

Uma outra dimensão em que a Igreja é sinal de credibilidade da sua própria mensagem é o esforço por construir a unidade entre os cristãos divididos, por questões doutrinárias e históricas, por problemas de opinião, por diversas maneiras de conceber as incidências práticas

<sup>18</sup> René SALAÜN, *op. cit.*, pp. 233.

<sup>19</sup> *Ibidem*, pp. 233.

e sociais do cristianismo. Ouçamos, a este respeito, a conclusão de um grupo de trabalho durante o último Sínodo: «O Concílio Vaticano II já declarou até que ponto as divisões entre os cristãos dificultam a manifestação da verdadeira natureza da Igreja, sacramento universal de salvação, tornando-se um obstáculo à sua missão evangelizadora. Que se redobre, portanto, de esforços por restaurar a unidade entre as diversas Igrejas cristãs. A cooperação de todos os cristãos nas tarefas da evangelização é possível desde já, e em muitas regiões foi já iniciada. Essa cooperação — qual maneira prática de realizar a unidade — deve ser apoiada e intensificada»<sup>20</sup>.

A Igreja é também chamada a realizar a unidade do mundo. Há multidões de homens que ainda não ouviram a mensagem da Igreja e que têm direito ao Evangelho. Ao evangelizá-los, a Igreja chama-os a uma nova unidade, assumindo os valores das suas religiões e das suas culturas. A Igreja é, hoje como outrora, chamada a evangelizar não apenas os indivíduos, mas as civilizações e as culturas. «A Igreja é a parte da humanidade que prefigura o destino universal do mundo e dos homens. É por isso que os cristãos podem confessar na sua fé que o sentido último de todas as realidades humanas se encontra em Deus e que o Espírito não cessa de inspirar os corações dos homens, quer eles tenham ou não consciência disso.

Esta afirmação de fé tem consequências imediatas e importantes para a evangelização: é urgente discernir, nos diversos aspectos da existência humana, os lugares em que o evangelho é chamado a enraizar-se, onde ele já é desejado, onde ele já começou, talvez, a ser vivido. É importante estar atento aos dinamismos históricos e culturais no seio dos quais a mesma verdade acerca da existência humana, vista segundo Deus, é vivida de maneiras diversas. É preciso prescrutar os diversos caminhos pelos quais o Espírito Santo abre os grupos humanos e as pessoas ao acolhimento do Evangelho.

A nossa atenção fixar-se-á de preferência, aqui sobre as preparações de carácter religioso, acolá sobre as preparações de carácter ético, quer pessoais, quer colectivas.

Mas se insistimos nas diversas caminhadas feitas, sobre estes discernimentos da acção do Espírito, sobre o partilhar pela Igreja das riquezas humanas vividas por comunidades diferentes em diversos

---

<sup>20</sup> Síntese final de um grupo de reflexão (grupo de língua francesa). O tema foi abordado na comunicação do Pastor Ph. POTTER à Assembleia Sinodal. As relações entre Ecumenismo e evangelização, merecem ser tratadas explicitamente e de maneira mais ampla.

enquadramentos históricos, fazêmo-lo em nome e em vista de uma Boa Nova explicitamente proclamada, de uma fé que é irredutível a um sincretismo humanista ou vagamente religioso. Só o estarmos firmes no Evangelho autoriza as lentidões, autentifica a seriedade com que a Igreja comunga com as realidades humanas e justifica tantos trabalhos precedendo e acompanhando o anúncio»<sup>21</sup>.

A atenção da Igreja, no seu esforço evangelizador, às outras confissões cristãs, às outras religiões, aos valores de civilização que são tantas vezes «pierres d'attente» da mensagem evangélica, não só é caminho de evangelização, mas transforma-se também em sinal de credibilidade para toda a restante mensagem.

### 3. *A Igreja é o fruto da evangelização*

A Igreja não é só a obreira ou executora da tarefa de evangelizar. Ela é o fruto da evangelização. «Ela não é só a Igreja que diz e a Igreja que se diz. É preciso fazê-la ser. É que o Evangelho posto à disposição dos homens para os conduzir a Deus é mais que uma doutrina, uma luz ou uma exortação; ele é o Reino de Deus incoativamente presente, uma realidade social, humana, uma morada de Deus entre os homens, uma «arca da salvação» onde os filhos de Deus possam viver. O projecto de Deus não é uma colecção de crentes com muita personalidade — por mais desejável que seja a existência de um grande número de cristãos conscientes; — ele é uma comunidade de irmãos, um corpo orgânico em que os homens possam viver o que descobriram, descobri-lo cada vez mais em união com os outros, uma realidade colectiva à qual Jesus Cristo garantiu a presença do Espírito.

É por isso que pertence à natureza da evangelização lançar as bases da Igreja nos sítios onde ela ainda não existe, constituir ramificações da grande árvore, desmultiplicações apropriadas àqueles que se procura evangelizar. Conhecemos todas as teorias acerca das comunidades intermediárias, catecumenais. Elas são de realização difícil, embora enraizem numa antiquíssima tradição. Também aí se trata de inventar a maneira de a Igreja ser o sacramento de Jesus

---

<sup>21</sup> Roger ETCHEGARAY, Arc. de Marselha. O tema está também presente na síntese de um dos grupos de trabalho (grupo de língua inglesa) cf. *E. N.* nn. 20, 52, 53. Cf. também J. POLICARPO, *Evangelização, anúncio de Liberdade*, pp. 48-58.

Cristo para os homens e no meio dos homens. O carácter eclesial da evangelização é a razão mais profunda do dinamismo missionário»<sup>22</sup>.

Em resumo, evangelizar é anunciar o Evangelho para que a experiência da salvação possa, a partir daí, começar a ser vivida pelos evangelizados, em Igreja, numa experiência de comunidade. Evangelizar é construir Igreja, é gerar comunidades. Por isso é que só a palavra da Igreja, sacramento da Palavra de Cristo, o qual é, por sua vez, Palavra do Pai, tem graça criadora para gerar comunidades e fazer surgir a salvação. A palavra da Igreja não se limita a anunciar ou explicar a vida nova; ela gera a Igreja, provoca-a, torna-a possível. Homens evangelizados não são os que perceberam o Evangelho; são, sim, aqueles que acolheram a Palavra e foram por ela introduzidos numa nova experiência de vida, na comunidade Eclesial.

#### 4. O ministério da Palavra e a construção da Comunidade

Se a comunidade é o fruto do anúncio do Evangelho, é agora a altura de falarmos do ministério da palavra, da relação entre Palavra e comunidade da salvação, do verdadeiro sentido de eficácia salvífica da palavra de Igreja, tendo como pano de fundo o que no Sínodo sobre a Evangelização se disse sobre este ponto.

Notou-se aí uma tendência para alargar o conceito de evangelização, englobando nele toda a missão da Igreja, todas as actividades pelas quais a Igreja anuncia o Reino de Deus, o faz germinar, acompanha o seu crescimento e maturação, não o restringindo ao anúncio da palavra, embora dando a este ministério uma dimensão central na evangelização. Outros, na linha de Vaticano II (cf. *Apostolicam Actuositatem*, nn. 2, 19, 29 e *Presbyterorum Ordinis* n. 5), consideram que o conceito de evangelização se refere, antes de mais, ao anúncio da palavra, seja sob que forma for. Entre as diversas actividades com que a Igreja se constroi e realiza a salvação, este anúncio da palavra tem função específica e ocupa lugar de relevo<sup>23</sup>.

Na síntese final de um dos grupos de trabalho podia ler-se: «Evangelização é a acção salvífica de Cristo a realizar-se no mundo, através da Igreja, na qual Deus fala aos homens, comunicando-se-

<sup>22</sup> René SALAÜN, *op. cit.*, p. 235.

<sup>23</sup> Cf. *E. N.* nn. 22 e 42.

-lhes no mistério do Seu Verbo. Essa acção realiza-se, antes de mais, pelo ministério da palavra, através do qual o pregador, enviado por Cristo, na força do Espírito Santo, proclama a Boa Nova, e o Próprio Senhor, através do Espírito, abre o coração dos homens ao Evangelho. Porque o Senhor entregou à Sua Igreja esta Boa Nova assim como todos os outros meios da salvação, o ministério da palavra é um ministério da própria Igreja, através do qual o Senhor entrega aos Seus ministros o mandato de evangelizar e o próprio Evangelho a anunciar»<sup>24</sup>.

Estas afirmações põem o problema do mistério da palavra na Igreja, o segredo da sua eficácia, a sua relação com o Verbo Eterno de Deus, o equilíbrio entre a acção do Espírito na construção da Igreja e o fruto do anúncio humano da Palavra, o impacto do pregador e dos seus carismas pessoais, o resultado da sua clareza, a força do seu testemunho, a iluminação do seu saber. Estão, assim, levantados os problemas e perspectivas que, a serem aprofundados e discutidos, constituirão os pontos essenciais de uma Teologia da pregação.

#### 4.1. *A pregação participa da eficácia do Verbo de Deus*

Toda a eficácia da palavra da Igreja e dos homens da Igreja vem do Verbo, Palavra eterna de Deus. O Evangelho tem em si mesmo, por acção do Espírito, a sua força transformadora; esta não lhe vem nem das circunstâncias exteriores em que é anunciado, nem das virtualidades do pregador. Diz-nos a fé que o Evangelho não é hoje diferente dos tempos passados e continua a ter a capacidade de transformar o coração dos homens e a face da terra. É certo que os evangelizadores chocam hoje com dificuldades novas no anúncio da mensagem; mas dificuldades encontraram-nas os evangelizadores de todos os tempos. Essas dificuldades são a concretização da nossa fraqueza humana; mas esta é transformada e compensada por essa força do Espírito do Senhor, intrínseca ao Evangelho<sup>25</sup>.

Segundo Mons. Lorscheider a evangelização é simplesmente a comunicação aos homens da Palavra de Deus, prolongamento no

<sup>24</sup> Grupo de língua alemã.

<sup>25</sup> Resumo de uma intervenção de Mons. Friedrich WETTER, Bispo de Speyer.

tempo do mistério de que nos fala o Evangelho de S. João: «E o Verbo fez-se carne e habitou entre nós» (Jo 1, 14). O que define a evangelização no seu sentido mais profundo é esse facto maravilhoso do Verbo de Deus a entrar no mundo, a fazer-se um de nós, assumindo a nossa própria natureza. É esse o melhor anúncio da salvação: Deus connosco, Emanuel, Deus um dos nossos. «O que era desde o princípio, o que ouvimos, o que vimos com os nossos próprios olhos, o que contemplámos, o que as nossas mãos tocaram do Verbo da vida — porque a vida manifestou-se, nós vimo-la e damos dela testemunho e anunciamo-vos esta Vida Eterna que estava junto do Pai e que nos apareceu; — o que vimos e ouvimos, isso vos anunciamos (1.ª Jo 11-3)»<sup>26</sup>.

Esta Palavra de Deus comunicada aos homens, transforma-os e liberta-os pela sua própria força intrínseca. «O Evangelho é uma força de Deus para a salvação de todo o crente» (Rom 1, 16). É pelo Evangelho que se revela a justiça de Deus no dinamismo transformador da própria fé. É a eficácia da Palavra de Deus, ela que fez os céus e a terra, ela que foi criadora, — Deus disse e fez-se — ela que conduziu a história. É uma palavra mais aguda que uma espada afiada, penetrando os corações até ao mais íntimo.

Porque a Palavra foi criadora, o mundo e o homem são fruto da sua eficácia criativa — por Ele todas as coisas foram feitas; — a Encarnação não é uma alienação do Verbo. A Palavra de Deus ao fazer-se carne vem continuar a sua obra criadora num mundo e numa humanidade que já são obra sua. Entre o homem a salvar e a Palavra que salva há, à partida, uma comunhão ao nível do ser. «No princípio era o Verbo, o Verbo estava junto de Deus, o Verbo era Deus... todas as coisas foram feitas por Ele e sem Ele nada foi feito... Estava no mundo, o mundo tinha sido feito por Ele e o mundo não o reconheceu. Veio ao que era seu e os seus não o receberam» (Jo 1, 1-3.10).

Essa comunhão existencial entre o homem e o Verbo de Deus, exprime-a a Bíblia com a expressão «imagem de Deus». O homem foi criado à imagem de Deus (Gen. 1, 26). Mas Jesus Cristo, o Verbo de Deus, é a imagem do Deus invisível, o Primogénito de toda a criatura (Col. 1, 15). No Filho de Deus fomos eleitos, mesmo antes da criação do mundo (Efes. 1, 4 ss). Ele sustenta todas as coisas na existência. «A evangelização é, assim, a comuni-

<sup>26</sup> Mons. Luis LORSCHIEDER, Arc. de Fortaleza.

ção da própria Palavra de Deus que deve incarnar na vida concreta de cada homem, iluminando-a, manifestando a Glória de Deus na plenitude da graça e da verdade». À luz do que nos diz o Novo Testamento acerca de Cristo, plenitude de todas as coisas, podemos dizer que a evangelização é um auxílio prestado aos homens pela comunicação da Palavra de Deus, para os ajudar a descobrir em si mesmos essa presença dinâmica de Jesus Cristo, capaz de os transformar e criar de novo, tornando-os «outros Cristos» no meio dos outros homens seus irmãos, na linha do que diz o Apóstolo Paulo: «Já não sou eu que vivo, é Cristo que vive em mim» (Gal. 2, 20)<sup>26</sup>.

A palavra da Igreja tem uma eficácia criativa que transcende em muito a capacidade humana de convencer, persuadir, comunicar através da palavra. Ela é o sacramento do Verbo de Deus, a agir na Igreja e no mundo através da Igreja; ela é a continuação dinâmica do mistério da Incarnação. Por isso é uma palavra criadora, capaz de transformar o homem por dentro, abrir-lhe o coração a novos horizontes da realidade, pô-lo em comunhão com Deus e a construir a fraternidade entre os homens. A palavra da Igreja, porque carregada da força criativa da Palavra eterna de Deus, cria a comunidade.

Mas esta dimensão misteriosa da eficácia da Palavra põe o problema do papel da palavra humana daqueles que a proclamam em nome da Igreja, que podem ser mais ou menos virtuosos, mais ou menos cultos, mais dotados uns do que outros. Será indiferente este contributo humano para a fecundidade da evangelização? Tanto faz que o Evangelho seja anunciado por um santo como por um pecador? Tocamos aqui no problema delicado da síntese entre o elemento humano e a força criadora de Deus na obra salvífica, pelos caminhos da sacramentalidade e da encarnação. No Sínodo evitaram-se dois extremos: o de atribuir à virtuosidade da acção humana o poder criativo do anúncio evangélico e o de negar a importância e a riqueza desse contributo humano para a comunicação da mensagem. Como diz um dos Padres Sinodais: «O Evangelho que nos foi dado por Jesus Cristo é, antes de mais, o Evangelho da graça de Deus, e a sua eficácia não lhe vem dos meios naturais, mas dos meios sobrenaturais»<sup>27</sup>.

<sup>26</sup> Mons. Luis LÖRSCHIEDER, Arc. da Fartaleza.

<sup>27</sup> Mons. G. ABLEWICZ, Bispo de Tarnow.

Trata-se de retomar, nesta perspectiva, o problema do equilíbrio entre a proclamação autêntica e autorizada da Palavra, dotada de uma eficácia sacramental que lhe vem do Espírito e a capacidade de dar, na própria vida, testemunho da salvação que se anuncia. Muitas intervenções no Sínodo tentaram valorizar, na evangelização, o testemunho de vida fugindo à tendência de a reduzir só à proclamação verbal, menosprezando a importância do testemunho ou considerando-o elemento muito secundário. Ouçamos Mons. Legaré: «A evangelização é constituída por dois elementos que se completam mutuamente: a proclamação da palavra e o testemunho pela acção. Um não pode existir sem o outro. A Palavra e a acção estão imediatamente unidas entre si, alimentando-se mutuamente, constituindo ambas a evangelização. A acção dá credibilidade à palavra; a palavra clarifica a ambiguidade e o anonimato da acção. Não é, pois, só a palavra que importa, mas também a vida concreta na qual a palavra se exprime.

Como o lembrou Paulo VI, o homem moderno é mais sensível ao testemunho de vida do que à palavra, ouve mais facilmente quando a vida sanciona a palavra, quando a acção dá credibilidade à palavra. Tentemos, pois, descobrir o modo como esta maior sensibilidade do homem moderno à acção do que à palavra nos pode ajudar a descobrir o lugar constitutivo do testemunho na missão eclesial de evangelizar»<sup>28</sup>.

#### 4.2. *Os anunciadores do Evangelho*

Tudo o que acabámos de expor leva-nos a considerar o problema dos anunciadores do Evangelho, a sua fidelidade e adaptação à Palavra, a sua capacidade de testemunho. Se o Evangelho gera a comunidade, os seus anunciadores são, por isso mesmo, obreiros da comunidade.

Para os Padres Sinodais é uma convicção que os anunciadores do Evangelho devem esforçar-se por adaptar as suas vidas às exigências do Evangelho que anunciam. «A pessoa do pregador é de grande importância em toda a evangelização. O Evangelho não se

---

<sup>28</sup> Mons. Henri LEGARÉ, Arc. de Grouard, McLennan. Cfr. E. N. nn. 41; sobre o papel do testemunho na evangelização, cfr. J. POLICARPO, *Evangelização anúncio de Liberdade*, pp. 211 e ss..

anuncia só directamente através de palavras, mas também indirectamente através da vida e do exemplo. Se existir dicotomia entre as palavras do pregador e a sua vida, pode acontecer que os homens, decepcionados pelo mau exemplo, acabem por considerar a mensagem como algo de fútil. Sacerdotes fracos na fé, divididos no coração, superficiais na maneira de viver, dificilmente poderão confirmar na fé os seus irmãos. Nem os jovens, nem os adultos encontrarão, numa tal evangelização, o pão da vida»<sup>29</sup>.

Um dos grupos de trabalho pronunciou-se, a este respeito, do seguinte modo: «O anunciador do Evangelho é instrumento ou ministro do Senhor, que opera através dele. Por isso é-lhe exigido que se entregue ao Senhor como instrumento o mais digno possível. Quanto mais unido estiver ao Senhor, melhor exercerá o seu múnus ministerial. Isto exige-lhe um esforço contínuo de união a Deus, na fé, na esperança e na caridade, que siga o Senhor na sua vida quotidiana, através da familiaridade com a Palavra de Deus escrita e com o testemunho da fé da Igreja, que nos é comunicado pela Tradição; supõe uma oração contínua na docilidade ao Espírito Santo, de que brotará a serenidade interior, um modo de vida conforme ao Evangelho que anuncia, uma fidelidade à Igreja, traduzida num total sentir com a Igreja»<sup>30</sup>.

Segundo Mons. Wetter «os pregadores do Evangelho devem revelar o Senhor e não *velá-lo* para que, através do seu ministério Ele apareça como Aquele que vai ao encontro dos homens, falando com eles no mistério da Palavra. Devem apagar-se, à imitação de João Baptista que quis ser apenas a voz de outro, clamando na sua própria voz. A grandeza do evangelizador deve estar neste apagar-se e fazer-se pequeno: «é preciso que Ele cresça e que eu diminua» (Jo 3, 30). Não viver para si, mas para o Senhor é, portanto, o elemento interior da evangelização; a história mostra-nos, nessa linha, que os evangelizadores mais eficazes foram os santos»<sup>31</sup>.

Outro orador convida os pregadores a tomarem como exemplo apostólico o próprio Cristo. O Senhor mostra ter uma consciência clara e entusiasta da missão que tem de realizar, consciência essa que o impele a proclamar a palavra de Deus. Cristo não se limita a anunciar verbalmente o Reino; há uma perfeita coerência

<sup>29</sup> Mons. Janez JENKO, Adm. Apost. do território esloveno de Gorizia e Gradisca, Trieste e Capodistria e Rijeka-Senj.

<sup>30</sup> Da síntese final de um grupo de trabalho (grupo de língua alemã).

<sup>31</sup> Mons. F. WETTER, Bispo de Speyer.

entre as Suas palavras e a sua acção. Não só passou fazendo o bem, mas selou a sua entrega total à proclamação do Reino com o dom radical da própria vida. Na sequência de Cristo, também os Apóstolos nos deixaram o testemunho dessa entrega total das suas vidas ao Evangelho que anunciaram. Em Cristo e nos Apóstolos encontrarão os pregadores de hoje um exemplo e um convite a que deixem repassar as suas vidas do mistério que anunciam»<sup>32</sup>.

O primeiro campo em que se faz sentir a eficácia da palavra é, assim, o coração daquele que a anuncia. E aí mesmo a Palavra edifica a comunidade. Anunciar o Evangelho, em nome da Igreja, é um serviço da Palavra, é um serviço de Cristo, Verbo de Deus, Ele a única Palavra que salva. O ministro da Palavra faz dom da sua realidade humana, da sua voz, da sua inteligência e sabedoria, do seu coração com tudo o que nele o Espírito já construiu, para que a voz de Cristo possa continuar a ecoar no tempo e na história. Entregar todo o seu ser, o seu amor, a sua esperança, os seus projectos e desejos, vencendo na confiança a sua pobreza e o seu pecado, é mais do que entregar a sua ciência e a sua voz, é oferecer elemento humano mais rico, como instrumento do Espírito, para a comunicação da Palavra de Deus. É aqui que se encontra a síntese entre palavra e testemunho. O pregador que se limita à proclamação verbal da mensagem, mas cuja vida está em contraste com a verdade que anuncia, não entregou a Cristo para o serviço do Reino senão uma ínfima parte do seu ser. A divisão entre palavra e vida corresponde a uma divisão interior no seu coração de homem. A sua palavra não perde toda a eficácia salvífica porque toda a eficácia da Palavra humana lhe vem de Cristo, Verbo de Deus. E para que esta Palavra eterna seja eficaz, basta-lhe poder ser proclamada, poder incarnar na proclamação humana. O santo, ao contrário, abandona todo o seu ser à Palavra que anuncia, em cada momento da sua vida e não apenas quando fala; antes de proclamar a Palavra da vida, a Palavra foi vida no seu coração. A sua proclamação é mais eficaz, não porque a sua virtude humana acrescentasse algo à eficácia divina, mas porque esta pôde estar mais plenamente presente devido à riqueza e amplitude da realidade humana que lhe serve de suporte sacramental. O facto de a proclamação da palavra acompanhada de

---

<sup>32</sup> Mons. Albetrt DESCHAMPS, Secretário da Pontifícia Comissão Bíblica.

testemunho de vida ser mais eficaz do que a proclamação sem testemunho não significa, nem que a eficácia do Evangelho proclamado dependa da virtude humana de quem o proclama, nem que a fecundidade divina, própria da Palavra, se acrescente a fecundidade própria das virtudes do pregador. Significa sim, que a Palavra eterna de Deus, incarnando, fazendo-se voz na totalidade de um homem que se lhe abandona, pode exprimir mais totalmente a eficácia que lhe é própria.

A radicalidade evangélica dos ministros da Palavra, a autenticidade das suas vidas não é a fonte ou origem do poder criativo da Palavra que anunciam. A sua vida é o sinal da eficácia dessa Palavra. A Palavra que proclamam é Vida e geradora de vida, e sinal disso mesmo é a vida que gerou neles e de que as suas existências são testemunho. A vida do que anuncia a Palavra, se não fundamenta a sua eficácia, fundamenta a credibilidade dessa palavra. A fonte da fé e da salvação é o Verbo de Deus, presente na sua palavra de homens; as suas vidas a testemunharem a fecundidade salvífica da Palavra são sinal de credibilidade, tornam mais fácil a abertura à mensagem dos corações daqueles que os ouvem. Do mesmo modo que a fé nunca tem a sua origem na força lógica dos sinais exteriores mas é sempre dom de Deus, assim também a eficácia da pregação nunca procede da virtude humana; mas assim também como a fé é confirmada e facilitada pelos sinais, a fecundidade salvífica da mensagem é facilitada pelo testemunho de vida do mensageiro, sinal vivo da eficácia misteriosa do Evangelho.

O ministério da Palavra exige humildade e fidelidade. Humildade para que se continue a proclamar a palavra da salvação, mesmo quando o mensageiro sente a pobreza da sua vida e a sua incapacidade de testemunho. Essa humildade corajosa há-de-lhe vir da sua fé na força divina de que a Palavra é dotada. Mas, por outro lado, essa aceitação da eficácia transcendente não o deve dispensar de procurar que a sua vida seja sinal do que anuncia. A Palavra exige-lhe fidelidade, dom, abandono de todo o seu ser.

Ouçamos o Cardeal Felici: «No que diz respeito ao múnus de pregar próprio dos Pastores, é preciso não apenas que o exerçam convenientemente, acompanhando a palavra com o testemunho da própria vida, mas também que o revistam daquele poder que o tornará eficaz. Por outras palavras, Nosso Senhor Jesus Cristo não constituiu uma escola de retóricos, de filósofos ou de teólogos discutindo entre si, mas uma comunidade de gente que acreditava nEle e na sua

doutrina. Por isso, embora a fé seja um dom de Deus que a Sua graça suscita e faz crescer, ela supõe que haja quem anuncie a verdade revelada com a assistência do Espírito e com a autoridade do próprio Cristo»<sup>33</sup>.

É pois de uma grande importância na construção de uma comunidade de crentes o ministério dos que anunciam a Palavra. Se a força transcendente e eficaz que gera e faz crescer a fé pertence à própria Palavra enquanto Palavra de Deus, a significação e o impacto do seu testemunho de vida faz uma unidade com a eficácia própria da Palavra. A autenticidade do testemunho dos pregadores do Evangelho constitui um sinal de credibilidade para a aceitação da própria mensagem.

## Conclusão

Foi intenção nossa, neste artigo, enriquecer alguns aspectos da doutrina sobre a evangelização com as reflexões teológico-pastorais feitas durante o último Sínodo dos Bispos. Fizemo-lo a propósito das relações entre a evangelização e a edificação da Igreja enquanto comunidade. Outros aspectos de uma Teologia da evangelização mereceriam tratamento idêntico. Resta-nos, agora, à maneira de conclusão e em busca de uma síntese, fazer ressaltar alguns aspectos de especial importância neste problema.

1. Parece-nos ter mostrado com clareza que não existe oposição entre a evangelização e a dimensão comunitária da Igreja. Os caminhos da renovação eclesial passam pela evangelização e desembocam numa experiência comunitária mais profunda. Não há antítese teológica e nem sequer pastoral entre evangelização e dimensão comunitária e sacramental. A experiência da salvação é uma experiência de comunhão vivida em Igreja; a evangelização anuncia pela palavra e pelo testemunho essa comunhão que a Palavra realiza.

2. Sublinhámos, igualmente, a dimensão eclesial de toda a Evangelização. Ela é uma experiência comunitária e um dever da

---

<sup>33</sup> Card. P. FELICI, Presidente da Comissão Pontifícia para a revisão do Código de Direito Canônico.

Igreja como comunidade. O sujeito da evangelização, a quem foi entregue o mandato de Cristo, é a Igreja e não as pessoas isoladamente. Cada evangelizador realiza, pelo seu contributo, não apenas uma missão pessoal, mas a missão da Igreja. Isto tem consequências, sobretudo ao nível dos conteúdos da evangelização. Não anunciamos a nossa maneira de ler e compreender o Evangelho; anunciamos a doutrina da Igreja, o Evangelho da salvação, lido em Igreja, hoje e no passado, sentindo-nos em comunhão espiritual com os nossos antepassados na Fé.

A Igreja não é só a que anuncia: ela é objecto desse anúncio. O mistério da Igreja como sacramento de salvação, deve fazer parte dos conteúdos essenciais da evangelização, porque é impossível anunciar o mistério de Cristo, na totalidade das suas dimensões sem anunciar a Igreja.

3. É que a Igreja em toda a sua realidade, como experiência de comunhão, como estrutura de salvação, como contributo doutrinal e como proposta para a nova unidade do mundo, é o maior sinal de credibilidade da sua própria mensagem. Tem-se valorizado muito, nos últimos tempos, a importância do testemunho pessoal de vida dos evangelizadores. Mas a autenticidade da vida pessoal de cada um ganha em sentido e em eficácia se se confundir com a Igreja, se anunciar a Igreja. Só o seu testemunho é verdadeiramente rico e eficaz, capaz de mover os corações e de os abrir à Palavra.

4. Interessa, igualmente, sublinhar as motivações transcendentais da evangelização. O dever e a urgência de evangelizar brotam, para a Igreja, da própria urgência de Deus em salvar os homens e os reunir definitivamente numa grande família. Só que esta urgência de Deus capta-a a Igreja na Fé. Uma Igreja que acredita e vive da Fé deixa-se possuir por essa urgência de Deus que se transforma, para ela, em urgência de anunciar o Evangelho, urgência de amar os homens e construir entre eles a fraternidade, urgência de dar Glória a Deus. Dificilmente a tarefa da evangelização progride numa Igreja que não viva da Fé e não se deixe possuir por essa pressa de Deus em salvar o mundo.

5. E, finalmente, acentuou-se a dimensão existencial da evangelização. Nos últimos tempos tem-se insistido na dimensão intelectual da Fé. A própria prática litúrgica, com o predomínio de

Liturgias da palavra que dão, tantas vezes, primazia à explicação e compreensão racionais das verdades e dos mistérios, não tem escapado a um certo intelectualismo. Ora ser evangelizado é também viver, com o coração, a ternura de Deus pelo mundo; não é apenas perceber o Evangelho, é fazer a experiência da comunidade. No cristianismo a verdade dá as mãos ao amor e ambos constituem a experiência da liberdade e da salvação.

J. POLICARPO